The New Republic Correspondence: A New Era of Corruption - Yochai Benkler

Por: Tradução José Antonio Batista de Moura Ziebarth

Nota introdutória

Yochai Benkler é Professor na Escola de Direito da Universidade de Harvard (*Harvard Law School*) e co-diretor do Centro Berkman de Internet e Sociedade da Universidade de Harvard (*Harvard's Berkman Center for Internet and Society*). É autor de diversas obras, entre elas, *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom.*

Na referida obra, o Professor Benkler fornece minucioso e detalhado relato dos nossos modernos meios de comunicação e informação e sua relação com o direito, com a tecnologia e, criticamente, com as redes. Como Dan Hunter observou, Benkler "oferece algo similar a uma Teoria Geral da Política de Informação na era das redes que começa a explicar o modo como devemos pensar temas tão diferentes como política de espectro, direitos do autor, conteúdo gerado pelo usuário, neutralidade de rede..., uma lista que engloba praticamente todas as questões relacionadas à legislação e políticas para a internet"[1].

A tese primordial é que a riqueza das redes reside no potencial de ampla participação na elaboração, compartilhamento e convivência no ambiente de informação. A natureza emergente da rede da economia da informação desvenda o potencial humano e permite uma participação sem precedentes. Para apoiar a sua alegação de que tal alteração está em curso, Benkler oferece uma rica descrição da tecnologia e da economia de redes e um interessante conjunto de exemplos que podem ser apenas a ponta do *iceberg*.

Com vistas a corroborar sua argumentação de que tais mudanças normativas deveriam ser permitidas se não incentivadas, Benkler apóia-se em uma série de teorias políticas liberais. Por fim, Benkler estabelece uma "batalha" sobre a ecologia institucional do ambiente de informações e explica como operadores podem resistir à mudança nos vários níveis do sistema.

No artigo traduzido logo abaixo, *"Correspondence: A New Era of Corruption?"*, publicado no *The New Republic Online*, em 04 de março de 2009, o Professor Yochai Benkler escreve sobre os efeitos da diversificação da mídia, da competição no modelo tradicional do jornalismo regional e da democracia. Trata-se de uma resposta ao artigo de Paul Starr *"Goodbye to the Age of Newpapers (Hello to a New Era of Corruption)"*, publicado no mesmo jornal na mesma data.

The New Republic
Correspondence: A New Era of Corruption?[2]
Yochai Benkler
Tradução José Antonio Batista de Moura Ziebarth

A essência do argumento ponderado e bem-pesquisado de Paul Starr é que um aspecto central da democracia americana largamente dependia do monopólio de um jornal em uma cidade e da ausência de meios de comunicação alternativos.

Em primeiro lugar, visto que os jornais eram monopólios e poderiam cobrar taxas muito altas dos seus anunciantes, isso criava um espaço em que os jornais poderiam dar-se ao luxo de subsidiar seções do jornal que eram importantes bens públicos – as notícias e reportagens de investigação. Mas essas altas taxas dos anunciantes estão desaparecendo.

Em segundo lugar, parte do papel democrático da imprensa tem sido a educação política das massas distraídas. No caminho de sua leitura para a página de anúncios sobre vagas de trabalho local e esportes, os leitores, inevitavelmente, esbarrariam na história de corrupção local, na primeira página, ou na cobertura de uma guerra.

Esta exposição acidental criava uma cidadania minimamente informada capaz de verificar os piores excessos de um governo corrupto. A dispersão da atenção começou com o rádio e a TV a cabo e chegou ao auge com a internet, que levou a um público mais inerte e desinformado.

Os membros da sociedade mais politicamente engajados têm usado a nova diversidade de ofertas para agruparem-se e tornarem-se mais bem informados do que poderiam ser no passado. Mas eles também são mais partidários. Devido a este efeito duplo, o desaparecimento do modelo de empresa jornalística do século XX ameaça minar a forma como funciona a nossa democracia e introduzir uma nova era de corrupção.

Eu concordo em grande parte com Starr quanto à previsão dos efeitos da concorrência e de diversificação dos meios de comunicação sobre o modelo tradicional da maioria dos jornais regionais nos Estados Unidos.

Entretanto, não estou muito convencido de que esses efeitos serão, realmente, tão negativos para a democracia. Em primeiro lugar, seria tolo negar as contribuições de jornais em casos de abuso de poder; a mídia tradicional tem estado muito longe do idealizado "Quarto Estado". Starr sabe disso, naturalmente, sua fantástica narrativa, *The Creation of the Media*[3], acompanha o aparecimento do "Quarto Estado", sem retoques, há mais de dois séculos. Aqui, no entanto, ele parece considerar as nossas imperfeições naturais. O resultado é um ceticismo sobre as possibilidades da nova mídia.

Os críticos da mídia *on-line* levantam preocupações sobre a facilidade com que os boatos e alegações infundadas podem ser propagados na rede. No entanto, na internet, todos nós temos aprendido a ler com certa desconfiança e precaução[4].

A mídia tradicional, ao contrário, impôs respeito e estabeleceu autoridade. Foi precisamente este respeito e autoridade que transformou a reportagem do *The New York Times,* sobre as armas de destruição em massa no Iraque, em uma ferramenta para legitimar as mentiras que a administração Bush utilizou para levar este país para a guerra.

Duas semanas atrás, e, em seguida, na sexta-feira passada, *The Washington Post* ainda estava permitindo que George Will fizesse falsas afirmações sobre a análise de um estudo científico mundial a respeito do nível dos mares gelados sem pestanejar[5], o que refletia um longo período de ofuscação do consenso científico sobre as causas da mudança climática pelos jornais que, em nome de reportagens equilibradas, relatou a controvérsia e não o atual consenso científico.

Em alguns desses casos, os maiores desafios do nosso tempo, os jornais, nos têm falhado. A questão, então, sobre o pano de fundo desse registro misto, é saber se o sistema que irá substituir a massa mediada pela esfera pública pode funcionar, ao menos, tão bem.

Não há razão para pensar que irá. Tal como outros bens de informação, o modelo de produção de notícias está mudando a partir de um modelo industrial – seja ele o monopólio dos jornais da cidade, a IBM no apogeu desse monopólio, ou Microsoft, ou Britannica – para um modelo que integra uma rede mais vasta com uma gama de práticas no sistema de produção: mercado e não mercado, pequena e larga escala, com fins lucrativos e sem fins lucrativos, organizados e individualizados. Já vemos os primeiros elementos de como as notícias e o jornalismo de opinião serão prestados na rede da esfera pública. Seus elementos principais serão:

1. Elementos sobreviventes do antigo sistema, alterados. Estes incluem jornais, como o *TheNew York Times*, que observam um número muito maior de leitores na sua plataforma *online*, apoiados por uma lenta melhoria do nível de publicidade segmentada para as suas novas, grandes audiências, e fontes internacionais como a *BBC* e *Al Jazeera*, alguns dos quais dependem de pelo menos algum financiamento estatal.

2. Mídia comercial de pequena escala. Estes tipos de organizações serão capazes de operar a um custo muito menor do que os jornais pequenos do passado, mantendo elevado profissionalismo jornalístico. O texto de Josh Marshall, "*Talking Points Memo"*, que Starr comenta, é o modelo singular[6] para este formato. A idéia aqui é que, com o compromisso de uma qualidade profissional suficientemente elevada, e com as contribuições de leitores engajados, vários colaboradores e acadêmicos podem usar a plataforma como se fosse sua; é um pequeno utensílio que pode atrair um número suficientemente grande de leitores, a fim de vender publicidade em níveis que possam manter este tipo de operação. Marshall, por exemplo, tem um site avaliado aproximadamente no mesmo nível do que o *TheState*, o maior jornal da Carolina do Sul, mas precisa manter um quadro de pessoal comparativamente minúsculo. Como Starr observa, no seu principal artigo, este estilo de comunicação de baixo custo e de grande eficiência social, também se presta ao apoio filantrópico, visto que você pode ganhar muito mais quando não precisa ter uma seção de moda ou de crítica de restaurantes, mas pode concentrar suas energias em reportagens políticas, acompanhadas de dicas e *insights* dos usuários. O *The Washington Independent*, financiado pelo *Center for Independent Media*[7], é um excelente exemplo. É importante lembrar que os jornalistas, como todas as pessoas, apresentam perfis motivacionais variados. Alguns

cientistas vão trabalhar para empresas iniciantes e procuram por muito dinheiro, mas a maioria que faz pesquisa troca o seu potencial de enriquecimento pelo respeito e independência de uma firme posição acadêmica. Certamente, muitos jornalistas também são motivados a escrever sobre as notícias do dia, pois eles se importam ou porque querem acertar, e este modelo lhes permite fazê-lo, mesmo que isso não lhes dê os níveis de compensação que o modelo antigo lhe daria.

3. A nova imprensa partidária voluntária. Embora fontes de motivação possam ser misteriosas para os economistas quando eles pensam sobre o *Wikipedia* ou o *Linux kernel*, não há nada de misterioso sobre o que impulsionam as contribuições à recém-emergente imprensa partidária. Mais de 10.000 contribuintes do *Daily Kos*[8]têm fortes convicções políticas, e eles estão procurando expressá-las e buscar informações que possam ajudar sua causa. Assim como fazem os contribuintes à Câmara Municipal, embora os de esquerda da blogosfera tenham demonstrado mais este fenômeno, neste ponto da história, do que fazem os da direita. Para desenterrar os podres da corrupção do seu adversário, este é um poderoso motivador, e as plataformas estão disponíveis para permitir que milhares de voluntários trabalhem junto com a liderança e o apoio de uma minúscula equipe de pessoal paga (paga, mais uma vez, por meio da publicidade a esta comunidade engajada ou através da mobilização de doações).

4. As novas e eficazes organizações sem fins lucrativos. O melhor exemplo é a *Sunlight Foundation*[9], que apóia as novas leis que exigem transparência e disseminação de dados do governo via on-line, bem como o desenvolvimento de plataformas na Web que permitem às pessoas visualizarem os dados e investigarem as ações governamentais que são relevantes para elas. Em um exemplo, a *Sunlight* gerenciou um projeto para identificar quais os membros do Congresso haviam despendido recursos de campanha com seus cônjuges. Não é um ato ilegal, mas, quando transportadas ao extremo, um ato indesejável. O que eles fizeram foi criar uma interface baseada na *web* que permitia aos seus usuários escolherem um representante com quem eles se importavam e, em seguida, conduziam os seus usuários de uma base de dados publicamente disponível, para a próxima, a fim de investigar uma questão. Dentro de uma semana, a comunidade de voluntários tinha feito um projeto de pesquisa para cada membro do Congresso, encontrando, no processo, alguns pagamentos um tanto embaraçosos. Uma abordagem similar pode permitir que as pessoas investiguem o seu o bairro, onde possam, então, influenciar uma decisão local sobre um montante financeiro atribuído ser razoável ou se isso indica a prevalência de alguma improbidade. Dada a magnitude dos custos, por exemplo, imagino que um banco de dados público bem concebido, que registre quem está sendo pago, o quanto e para que projetos se destinam, permitiria uma análise muito mais ampla e abrangente pela rede de voluntários, com ferramentas bem–estruturadas, do que permitiriam as circunstâncias de um dado jornalista, em qualquer localidade, que recebe dicas de uma fonte confiável.

5. ndivíduos em redes. Menos relevante do que as grandes plataformas como o *Daily Kos*, os indivíduos desempenham um importante papel nesse novo ecossistema da informação. Primeiramente, eles são os peritos (*experts*). Por exemplo, economistas, como Brad DeLong, à esquerda, e os colaboradores do *Marginal Revolution*[10], à direita, desempenharam um papel muito maior nos debates sobre auxílios financeiros para campanhas do que poderia ter tido há apenas uma década. Mas não são apenas especialistas que beneficiam, qualquer pessoa que, por acaso, está no lugar certo, no momento certo – como a pessoa que fez o vídeo de John McCain cantando "*Bomb Iran*", ou as pessoas que estão cada vez mais valorizadas pelas organizações inovadoras, como a *BBC* e agora a *CNN iReport*, por partilhar as suas histórias, imagens e vídeos - podem se tornar um repórter ou um foto-jornalista. Enquanto os profissionais podem fazer melhores fotografias ou vídeos, estes simplesmente não podem replicar a probabilidade de estar no lugar certo e na hora certa, mas a população em geral, sim. Temos que nos lembrar do espancamento de Rodney King, as fotos de Abu Ghraib, ou as imagens de pessoas caminhando pelos túneis do metrô de Londres, durante os atentados, para compreender isso. E sempre haverá pessoas com uma intensa preocupação sobre uma única questão, como Russ Kick do *Memory Hole*[11], que passou meses na elaboração de petições ao governo para requisição de dados, com fundamento no *Freedom of Information Act*[12], até que ele, e não um dos veículos tradicionais da mídia, foi o primeiro a publicar imagens dos militares americanos que retornaram do Iraque em caixões.

A nossa experiência com outras informações, conhecimentos e bens culturais, bem como a forma dos debates nos últimos quatro ou cinco anos, sugerem que este novo sistema provavelmente produzirá uma combinação eficaz de informação e opinião.

Na verdade, acho que não temos pesquisa consistente para saber se este sistema está também trabalhando para a política local e corrupção potencial. Esta, como mostra Starr, é uma área importante que precisamos estudar e compreender.

Mas as intervenções políticas, se existirem, devem ser concebidas para este ambiente em rede dos diversos modelos de produção de notícias. Mais importante que um fundo nacional para assegurar a continuação da existência de certos jornais e revistas no seu modelo atual, seria a regulamentação da transparência, que asseguraria que os dados sobre a ação e comportamento públicos seriam disponibilizados, em todos os níveis de governo – federal, estadual e local –, para a sociedade, de modo que os grupos sem fins lucrativos, como a *Sunlight Foundation*, possam não apenas divulgá-los, mas também, e mais importante, disponibilizá-los para que as pessoas investiguem por si mesmas.

Talvez, como propõe Starr, haja espaço para angariar apoio filantrópico para reportagens locais. Suspeito, no entanto, que se obteriam melhores resultados se fossem criadas organizações jornalísticas investigativas, *on-line* e em nível estadual, com uma geração de jovens jornalistas que cresceram com a internet, ao invés de apoiar instituições antigas que ainda dependem de maiores e elevados níveis organizacionais, financeiros e de capital físico para se manterem, em oposição aos novos e mais enxutos modelos que a rede permite.

Estamos ainda muito no início da nova era. É realmente possível que o jornalismo, nacional ou local, irá se revelar mais resistente a uma mudança para modelos mistos de rede, tendo um amplo papel para a produção social em sua criação, do que no caso dos sistemas operacionais, de *software*, de servidor na *web*, ou enciclopédias. Mas eu duvido.

Copyright 2009 José Antonio Batista de Moura Ziebarth
Esse trabalho está licenciado sob Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial 2.5 Brasil
Para visualizar uma cópia dessa licença, visite o sítio: http://creativecommons.org/licenses/by-nc/2.5/br/

[1] Eis as palavras no original: "(…) provides something close to a General Theory of Information Policy for the networked age that begins to explain how we should think about topics as different as spectrum policy, copyright, user-generated content, network neutrality... well, the list pretty much encompasses all questions within internet law and policy."(Cf. Dan Hunter, "A General Theory of Information Policy", in Crooked Timber Blog, publicado em 30 de maio de 2006, disponível em http://crookedtimber.org/2006/05/30/a-general-theory-of-information-policy, acesso em 13 de abril de 2009).

[2] Nota do Tradutor: Agradeço ao Professor Yochai Benkler pela autorização para a tradução. Para referência do texto original, cf. BENKLER, Yochai. "Correspondence: A New Era of Corruption?", in: The New Republic Online, em 04 de março de 2009, disponível em http://www.tnr.com/politics/story.html?id=c84d2eda-0e95-42fe-99a2-5400e7dd8eab, acesso em 04 de março de 2009.

[3]Nota do Tradutor: Para referência, STARR, Paul. The Creation of the Media – Political Origins of Modern Communications, New York, Basic Books, 2004. Nessa obra, Paul Starr analisa fatores políticos, sociais e econômicos que moldaram a moderna indústria de comunicações norte-americana. Lembra que, ainda quando os EUA não eram uma potência mundial ou um centro primário em descobertas científicas, já era um líder nas comunicações de serviço postal e na publicação de jornais, em seguida, no desenvolvimento de redes de telégrafo e telefone e, mais tarde, em todo o repertório de comunicação de massa. Nesta densa história social da mídia norte-americana, Starr mostra que a criação das comunicações modernas era tanto o resultado de escolhas políticas como de inovações tecnológicas. O autor também examina controvérsias contemporâneas sobre a liberdade de informação, explorando questões cruciais como liberdade de imprensa, propriedade intelectual, privacidade, acesso público a informação, bem como a definição de tecnologias específicas e instituições.

[4] Nota do Tradutor: o autor utiliza a expressão idiomática "with a grain of salt between our teeth, like Russians drinking tea through a sugar cube", que significa não crer de forma absoluta naquilo que é dito.

[5] Nota do Tradutor: o autor utiliza a expressão idiomática "without batting an eyelid", que corresponde a, de maneira informal, fazer algo sem hesitação ou emoção e surpresa.

[6] Nota do Tradutor: o autor utiliza a expressão idiomática "poster-child". É utilizada para algo ou alguém que representa uma qualidade singular e ímpar.

[6] Nota do Tradutor: O Center for Independent Media ("Centro de Mídia Independente"), fundado em 2006, é uma organização sem fins lucrativos, não partidária, que opera uma rede independente de notícias on-line voltada para o interesse público, com vistas a garantir a estabilidade da mídia independente. Referido Centro crê em uma cidadania informada como um princípio fundamental da sociedade civil e da democracia norte-americana, como nas palavras da Suprema Corte dos EUA no caso Garrison v. Louisiana, 379 U.S. 64 (1964): "Speech concerning public affairs is more

than self-expression; it is the essence of self-government". Maiores informações podem ser encontradas no sítio oficial da entidade: http://newjournalist.org/.

[8] Nota do Tradutor: O DailyKos é um blog político norte-americano criado em 2002. Maiores informações podem ser obtidas no endereço: http://www.dailykos.com/.

[9] Nota do Tradutor: A Sunlight Foundation é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2006, para garantir maior transparência e publicidade aos atos governamentais. A entidade empenha-se em auxiliar cidadãos, blogueiros e jornalistas a atuarem como vigilantes do governo, de modo a melhorar o acesso à informação. Maiores informações podem ser obtidas em seu sítio oficial: http://www.sunlightfoundation.com/.

[10] Nota do Tradutor: O Marginal Revolution é um blog de economia desenvolvido pelos Professores da George Mason University Tyler Cowen e Alex Tabarrok. Maiores informações podem ser obtidas no endereço: http://www.marginalrevolution.com/.

[11] Nota do Tradutor: O The Memory Hole, criado em 2002, e editado por Russ Kick, visa preservar e difundir materiais e documentos que estejam em risco de se perder, sejam de difícil localização, ou não são amplamente conhecidos. Maiores informações podem ser obtidas em seu sítio oficial: http://www.thememoryhole.org/.

[12] Nota do Tradutor: A Lei Federal de Liberdade de Informação dos EUA ("Freedom of Information Act") é a legislação federal que regula e disciplina a liberdade de informação. Referido diploma legal foi promulgado em 06 de setembro de 1966 e alterado em 1996, 2002 2007. Apenas a título ilustrativo, no Brasil, o artigo 5º, inciso XXXIII, da Constituição Federal de 1988, estabelece que "(...) todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado;". Em complemento ao texto constitucional, na legislação brasileira merecem destaque a Lei Federal n.º 8.159, de 08 de janeiro de 1991 (regulamentada pelo Decreto Federal n.º 4.553, de 27 de dezembro de 2002), que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, que estabelece em seu artigo 22: "É assegurado o direito de acesso pleno aos documentos públicos"; e a Lei Federal n.º 9.507, de 12 de novembro de 1997, que regula o direito de acesso a informações e disciplina o rito processual do habeas data.